

Dançar para pertencer: etnicidade e identidade nos vídeos de dança afro-brasileira no *YouTube*

Paola Verdun⁶⁷

Lúcia Regina Lucas da Rosa⁶⁸

Resumo

A dança afro-brasileira é uma expressão artística e cultural muito importante para os grupos que recebem os conhecimentos desta arte por transmissão oral e corporal por parte de seus ancestrais, e que são muitas vezes estigmatizados dentro de contextos educativos: a comunidade negra. Assim, a construção de uma educação com vistas a uma sociedade mais igualitária faz-se urgente. Este trabalho objetiva discutir sobre a dança afro-brasileira e suas implicações étnicas e identitárias para pensarmos uma educação contemporânea afrocentrada. Metodologicamente, optou-se por abordagem qualitativa centrando-se na seleção de 7 artefatos culturais (SILVA; MORAES, 2019) escolares em vídeo do *Youtube* sobre a dança afro. A partir da construção de um quadro descritivo, escolheu-se articular os autores Appiah (1990), Pontignat e Streiff-Fenart (1997) e Hall (2014) em suas discussões sobre etnicidade e identidade, organizando-se as informações coletadas em um estudo teórico com aporte de autores que atualizam os referidos conceitos. Ao problematizar como essas implicações podem contribuir para uma educação afrocentrada a partir dos materiais coletados, percebe-se a importância da dança afro como um caminho para contar a história do negro por meio dos movimentos, dos gestos, dos cantos, das simbologias e dos seus significados. E também ficou muito evidente o empenho dos professores e alunos escolares em difundir seus trabalhos com a cultura negra pelo *Youtube*. Reconhece-se a Dança afro como uma importante manifestação viva com forte sentimento de pertença, capaz de construir estratégias de afirmação e de construção simbólica da identidade do ser negro, do ser afrodescendente.

Palavras-chave: Dança afro-brasileira; Identidade; Etnicidade; Educação.

⁶⁷ Analista de Pesquisa Científica Sênior e doutoranda em Memória Social e Bens Culturais na Universidade La Salle; Mestra em Educação e Licenciada em Dança e em Letras - Português. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5930352051572843> E-mail: paola.202210698@unilasalle.edu.br.

⁶⁸ Doutora (2012) e Mestre (1996) em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, área de Literatura Brasileira, graduada (1988) em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUC-RS. Atualmente, coordenadora, professora e pesquisadora no PPG Memória Social e Bens Culturais, e professora no curso de Letras. <http://lattes.cnpq.br/3861682299264260> E-mail: lucia.rosa@unilasalle.edu.br

Dancing to Belong: ethnicity and identity in Afro-Brazilian Dance videos on YouTube

Abstract

Afro-Brazilian dance is a very important artistic and cultural expression for groups that receive knowledge of this art through oral and physical transmission from their ancestors, and who are often stigmatized within educational contexts: the Black community. Therefore, building an education aimed at a more egalitarian society is urgently needed. This paper aims to discuss Afro-Brazilian dance and its ethnic and identity implications for a contemporary Afro-centered education. Methodologically, a qualitative approach was chosen, focusing on the selection of seven school cultural artifacts (SILVA; MORAES, 2019) in YouTube videos about Afro-Brazilian dance. Based on the construction of a descriptive framework, we chose to articulate the authors Appiah (1990), Pontignat and Streiff-Fenart (1997), and Hall (2014) in their discussions of ethnicity and identity, organizing the collected information in a theoretical study with contributions from authors who update these concepts. By examining how these implications can contribute to an Afrocentric education based on the collected materials, we see the importance of Afro dance as a way to tell Black history through movements, gestures, songs, symbols, and their meanings. The commitment of teachers and school students to disseminating their work with Black culture on YouTube is also evident. Afro dance is recognized as an important living expression with a strong sense of belonging, capable of building strategies for affirmation and symbolic construction of the identity of Black people, of being of African descent.

Keywords: Afro-Brazilian dance; Identity; Ethnicity; Education.

Bailando para pertenecer: etnicidad e identidad en la Danza Afrobrasileña videos en YouTube

Resumen

La danza afrobrasileña es una expresión artística y cultural fundamental para grupos que reciben el conocimiento de este arte a través de la transmisión oral y física de sus ancestros, y que a menudo son estigmatizados dentro de los contextos educativos: la comunidad negra. Por lo tanto, es urgente construir una educación orientada a una sociedad más igualitaria. Este artículo busca discutir la

danza afrobrasileña y sus implicaciones étnicas e identitarias para una educación contemporánea centrada en lo afro. Metodológicamente, se optó por un enfoque cualitativo, centrándose en la selección de siete artefactos culturales escolares (SILVA; MORAES, 2019) en videos de YouTube sobre danza afrobrasileña. Con base en la construcción de un marco descriptivo, optamos por articular a los autores Appiah (1990), Pontignat y Streiff-Fenart (1997), y Hall (2014) en sus discusiones sobre etnicidad e identidad, organizando la información recopilada en un estudio teórico con contribuciones de autores que actualizan estos conceptos. Al examinar cómo estas implicaciones pueden contribuir a una educación afrocéntrica basada en los materiales recopilados, vemos la importancia de la danza afro como una forma de contar la historia negra a través de movimientos, gestos, canciones, símbolos y sus significados. El compromiso de docentes y estudiantes de escuelas para difundir su trabajo con la cultura negra en YouTube también es evidente. La danza afro se reconoce como una importante expresión viva con un fuerte sentido de pertenencia, capaz de construir estrategias para la afirmación y la construcción simbólica de la identidad de las personas negras, de ser afrodescendientes.

Palabras clave: danza afrobrasileña; identidad; etnicidad; educación.

INTRODUÇÃO

A dança afro-brasileira é uma expressão artística e cultural muito importante para alguns grupos. Dentre eles, destacam-se aqueles que recebem os conhecimentos desta arte por transmissão oral e corporal por parte de professores ou de seus ancestrais, os quais também são muitas vezes estigmatizados dentro de contextos educativos: a comunidade negra. Assim, a construção de uma educação voltada para a difusão dos aspectos da etnicidade e da identidade negra com vistas a uma sociedade mais igualitária faz-se urgente. Este trabalho objetiva discutir sobre a dança afro-brasileira e suas implicações étnicas e identitárias para pensarmos uma educação contemporânea afrocêntrica, cujo centro é o ser negro, ou seja, no sentido oposto ao eurocentrismo (ASANTE, 2016).

Metodologicamente, optou-se por abordagem qualitativa centrando-se na seleção de 7 artefatos culturais (SILVA; MORAES, 2019) escolares em vídeo do *Youtube* sobre a dança afro. A partir da construção de um quadro descritivo, escolheu-se articular os autores Appiah (1990), Pontignat e Streiff-Fenart (1997)

e Hall (2014) em suas discussões sobre etnicidade e identidade, organizando-se as informações coletadas em um estudo teórico com aporte de autores que atualizam discussões sobre os referidos conceitos. Assume-se que por meio desta rede de canais online seja possível difundir conteúdos educativos que possam de alguma forma contribuir com os processos de aprendizagem da identidade e da cultura afro. Problematisa-se, portanto, como essas implicações podem contribuir para uma educação afrocentrada por meio da dança a partir dos materiais coletados?

A partir da próxima seção discute-se a dança afro como uma possível linguagem da etnicidade e da identidade. A seguir, apresenta-se o material empírico escolhido para subsidiar esta pesquisa e as discussões suscitadas pela análise do material escolhido. E por último, apresentam-se as considerações finais.

A Dança Afro como uma possível linguagem da etnicidade e da identidade

A etnicidade refere-se, para os autores Pontignat e Streiff-Fenart (1997, p. 86), a “um conjunto de traços como a língua, a religião, os costumes, o que a aproxima da noção de cultura”, ou à “ascendência dos membros, o que a torna próxima da noção de raça” (PONTIGNAT; STREIFF-FENART, 1997, p. 86). E para conciliar todos esses aspectos em uma definição única, os autores trazem os sentimentos associados à pertença ou em termos de ação e de estratégia, com critérios de

pertença de grupo; identidade étnica; consciência da pertença e/ou das diferenças de grupo; ligações afetivas ou vínculos baseados num passado comum e putativo ou interesses étnicos reconhecidos; e vínculos elaborados ou simbolicamente diferenciados por “marcadores” (uma tradição, emblemas, crenças culturais, territoriais ou biológicas). (PONTIGNAT; STREIFF-FENART, 1997, p. 86).

Assim, como linguagem da etnicidade, a dança afro insere-se nesses campos de ação onde há ligações afetivas e interesses étnicos comuns onde se

dá a prática e a partilha de movimentos corporais dançantes e movimentos outros em prol do grupo. Aqui a etnicidade pode ser analisada como estratégia de mobilização “para obtenção de recursos nas estratégias individuais e em lutas de poder coletivas” (PONTIGNAT; STREIFF-FENART, 1997, p. 96).

Ainda, os mesmos autores, na esteira de Banton (1983), sobre as teorias da “escolha racional” para as teorias da etnicidade, destacam que os grupos étnicos formam-se por processos inclusivos [...]” (BANTON, 1983 *apud* PONTIGNAT; STREIFF-FENART, 1997, p. 101). Isso pode ser indicativo sobre por que a dança afro pode ser experimentada e praticada não só por pessoas negras, como também por todos que tiverem interesse nos movimentos e nas lutas dos grupos negros.

Daí a importância da competição, tanto política quanto econômica, que favoreceria os grupos mais fortes, uma vez que, individualmente, segundo os mesmos autores, as chances de conseguir êxito são menores. Neste sentido, para pensarmos a etnicidade no coletivo, não necessariamente precisamos pensar em grupos coesos ou perfeitamente organizados, mas sim, considerando-se suas diferenças e singularidades. Na década de 1990 desenvolviam-se alguns estudos neste sentido, os quais colocavam a etnicidade com seu caráter dinâmico e variável, dependendo da época e das situações (PONTIGNAT; STREIFF-FENART, 1997). Na contemporaneidade, para pensarmos uma educação afrocentrada por meio da dança afro, podemos também pensar quais outros caracteres a etnicidade vem assumindo desde então, no sentido de contemplar as transformações por que vem passando o campo da educação

Uma das questões-chave sobre etnicidade, pensavam Pontignat e Streiff-Fenart (1997, p. 141), concentra-se no “problema da atribuição categorial pela qual os atores identificam-se e são identificados pelos outros”, ou “o problema da fixação dos símbolos identitários que fundam a crença na origem comum” (PONTIGNAT; STREIFF-FENART, 1997, p. 141). Embora haja um grande e diverso conjunto de símbolos identitários da cultura negra presente na dança afro, não são fixas as possibilidades de identificação dos sujeitos com esses elementos. Assim, não é incomum encontrarmos o interesse de pessoas não negras pela cultura negra, pela prática da dança afro, assim como sua identificação com esses símbolos. Esta questão é apontada por Munanga (2019)

ao mostrar que, na atualidade, a complexidade quanto à diversidade de conjuntos simbólicos e das possibilidades de identificação de diferentes sujeitos com a cultura negra mostra-se muito maior do que os primeiros autores apontam.

Também nos anos 1990, na obra *Multiculturalismo: examinando a política do reconhecimento*, Appiah (1990) traz as contribuições de Charles Taylor para debater sobre as questões do reconhecimento pela identidade dos indivíduos: do direito das pessoas serem reconhecidas publicamente por ser quem elas são. Assim, destaca o autor, são chamadas de “identidades sociais coletivas a religião, o sexo, a etnicidade (raça), a sexualidade” (APPIAH, 1990, p. 166). A importância de cada identidade se dá de forma heterogênea e se dissolve nas diferentes sociedades, onde há duas importantes dimensões: a coletiva, onde há intersecção entre várias coletividades; e a pessoal, onde cabem as características singulares como inteligência, perspicácia, entre outras. (APPIAH, 1990). Acreditamos que sejam ainda muito pertinentes as discussões realizadas na década de 1990, considerando-se que não apenas pela existência, mas também pela possibilidade de uma visibilidade cultural, a dança afro pode contribuir diretamente para esse reconhecimento dos sujeitos, por oferecer ao ser afrodescendente o poder de construir suas narrativas corporais e históricas. E essas histórias contadas por meio do corpo expressam autenticidade, sobrevivência e também orgulho de si, de ser quem se é. Deste modo, todos temos o direito e o poder de contar nossa própria história, por meio do nosso corpo em movimento, especialmente aqueles de nós que tivemos, até agora, nossas histórias contadas por seres outros, muito distantes de nós.

Appiah (1990) compreende que “as identidades coletivas fornecem o que chama de manuscritos, que são as narrativas que as pessoas podem usar para moldar os seus planos de vida e ao contar as histórias das suas vidas” (APPIAH, 1990, p. 176). Com isso, o autor quer dizer que os grupos querem, podem e devem contar a sua própria história para que sua identidade permaneça, como uma ou mais grandes narrativas. Neste ponto, é importante dialogarmos com Hall (2014), que explora algumas das questões sobre a identidade cultural na modernidade tardia e avalia se existe uma “crise de identidade”, em que consiste essa crise e em que direção ela está indo.

O autor pergunta: Que pretendemos dizer com “crise de identidade”? Que acontecimentos recentes nas sociedades modernas precipitaram essa crise? Que formas ela toma? Quais são suas consequências potenciais? A primeira parte lida com mudanças nos conceitos de identidade e de sujeito. A segunda desenvolve esse argumento com relação a identidades culturais – aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.

Ao afirmar que as identidades modernas estão sendo fragmentadas, (HALL, 2014) aponta para transformações também nas paisagens culturais de etnia, raça e nacionalidade. Assim, haveria uma perda do sentido de si estável e um deslocamento do sujeito, tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo, o que constituiria uma “crise de identidade” para o indivíduo. Assim, o autor destaca três concepções de identidade, entre eles o sujeito pós-moderno – aquele que não tem uma identidade fixa ou essencial, mas sim uma identidade formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados na cultura onde estamos inseridos.

Ao deparar-se com a multiplicidade de possibilidades identitárias e de sistemas de significação e representação, o indivíduo pode ser um ou outro, e no momento seguinte já não há mais tanta certeza. Quando falamos em crianças e jovens em idade escolar na contemporaneidade, por exemplo, deparamo-nos com inúmeros argumentos que problematizam a efemeridade e volatilidade dos seus interesses. Ou, ainda, do quanto isso pode ser prejudicial para o seu desenvolvimento integral, uma vez que a criança se vê o tempo todo em processos de identificação bastante instáveis e não lineares, colocando-se sempre em dúvida sobre quem “realmente” ela é, o que ela “realmente” quer.

No entanto, os sujeitos vivenciam sua identidade como se estivesse resolvida, mesmo estando sempre divididos. Hall afirma que isso é o “resultado da fantasia de si mesmo como uma “pessoa” unificada que ele formou” no que o autor chama de “fase do espelho” (HALL, 2014, p. 24). É desta ilusão que, para o autor, “psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos “eus” divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude” (HALL, 2014, p. 25). Assim, se uma criança ou jovem troca de

interesse o tempo todo, não significa que não se interesse por algo. E isso, por hora, poderia bastar. A pergunta é: o que poderia ser potente sobre os seus interesses para auxiliá-la em seu desenvolvimento naquele momento?

Linguisticamente, “o significado surge nas relações de similaridade e diferença” (HALL, 2014, p. 25). Mas, por ser inerentemente instável, nem o significado nem a identidade do sujeito podem ser fixados de uma forma final. “O significado procura o fechamento (a identidade), mas é constantemente perturbado (pela diferença)” (HALL, 2014, p. 25-26). Assim, estamos cada vez mais “confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece impossível fazer uma escolha” (HALL, 2014, p. 43). Embora possam ser momentâneas, as escolhas juvenis são, sim, sempre importantes.

Então compreendemos que, embora não seja fixa e imutável, e mesmo exposta a essa multiplicidade de estilos flutuantes, a significação de um grupo identitário específico pode assumir diversas moldagens de acordo com processos educativos em que as diferenças surjam não como alguém assumindo-se como ser o que o outro não é, mas reconhecendo suas potencialidades e as do outro, e assim criando respeito e empatia. E, sendo assim, como isso contribuiria para as lutas antirracistas no desenvolvimento de crianças e jovens negros e não negros, por exemplo? Uma pista nesta direção poderia ser ensinar a dança afro e sua diversidade de símbolos e significados, assim como mostrar como essa linguagem foi por muito tempo, e é ainda, em alguns contextos, discriminada por conter representatividade negra.

Por medo do preconceito e da violência, muitas crianças vão automatizando atitudes na tentativa de se protegerem, e assim negam quem elas são. Também, muitas delas sequer conhecem a história de seus ancestrais, pois na escola aprendem que seu início foi com a escravização no Brasil. O fato de uma criança não aprender em casa sobre a sua ancestralidade não significa que esta seja ausente, ou que sejam inexistentes os agentes que poderão transmitir esses saberes. Isto posto, como pode acontecer a identificação com essas histórias e essas pessoas que vieram antes? Como pode acontecer a identificação com a cultura negra, a dança afro e seus significados? Alguns

exemplos disso podem ser percebidos na próxima seção deste trabalho, ao mostrarmos as produções sobre dança afro no *Youtube*.

Dança Afro no *Youtube*: caminhos metodológicos com artefatos culturais e discussões possíveis

Este estudo foi realizado com abordagem qualitativa centrando-se na seleção de 7 vídeos *Youtube* sobre a dança afro. A partir da construção de um quadro descritivo, escolheu-se autores que vêm abordando os termos *etnicidade* e *identidade*, organizando-se as informações coletadas em um estudo teórico que atualiza algumas discussões sobre os referidos conceitos.

O material coletado constitui-se de vídeos do *Youtube*, selecionados para esta investigação, cujo tema é a Dança afro. A busca pelos termos *dança afro e identidade* e *dança afro e escola* resultou em uma lista de conteúdos diversos, dos quais 7 foram escolhidos, e que estão compreendidos entre os anos de 2015 a 2024. Os critérios adotados para eleger os vídeos foi se tratava-se de um conteúdo publicado por escolas de educação formal – educação básica ou EJA, assim como o tempo de vídeo: no máximo 10 minutos. Estes critérios foram adotados em função de que os resultados são muitos e em alguns casos o conteúdo, ou não versa sobre o tema de interesse, ou apresenta-se de modo mais pontual, por exemplo, os chamados *Shorts*, que são os vídeos mais curtos publicados na plataforma *Youtube*. Outros vídeos não considerados para esta pesquisa foram os que apresentam o conteúdo da dança afro em canais como de escolas de dança, prefeituras, secretarias de cultura ou de turismo, e outras instituições afins.

Além disso, outras diferenças também não foram consideradas para o critério de escolhas e de análise para este estudo: o número de curtidas e os comentários - estes dados não foram mensurados, uma vez que o estudo não pretendeu registrar ou realizar esta distinção e também não está focado em realizar comparações quanto a estes quesitos;; se o vídeo é profissional ou não profissional; se os bailarinos são profissionais ou não profissionais; se os figurinos e as músicas utilizadas são de som mecânico ou som ao vivo; se há o

que se consideraria qualidade ou não de som e gravação de imagens. E também não está sendo considerada nas análises a questão mercadológica ou estética para abordar essas diferenças, e sim compreender que cada indivíduo ou grupo registrou sua dança afro com os recursos de que dispunham no momento (apenas um telefone celular, por exemplo). Abaixo apresenta-se o Quadro 1 com a relação dos vídeos selecionados para este trabalho, por ordem crescente de data de publicação:

Quadro 1 - Dados selecionados sobre a Dança afro no *Youtube*.

Data	Tempo	Título	Canal	Resumo
09/10/2015	09:32	Educação e Religiosidade: A dança afro-brasileira como fenômeno de identidade e espiritualidade (333 visualizações)	Carlos Lima	Reflexão sobre identidade e espiritualidade afro-brasileira a partir da leitura de Mitologia dos Orixás por alunos de 8º ano.
15/11/2016	04:03	Apresentação Consciência Negra (Música: Jorge Aragão - Identidade) (1.125.557 visualizações)	Rosinéia Xavier	Apresentação escolar com alunos da EJA e coreografia da música "Identidade", pela Consciência Negra.
21/11/2017	02:51	Baianá.. Apresentação consciência negra (567.375 visualizações)	Tia Itajany Costa	Projeto escolar sobre Consciência Negra com alunos do 2º ano. Coreografia escolar com parceria entre professores de educação física e língua portuguesa.
10/06/2018	08:31	Dança Afro (683.326 visualizações)	Raimundo Pereira	Apresentação de dança dos alunos com a música "Meninas do Rio" (Beiradão).
11/10/2019	09:28	Dança Afro - Projeto Arte e Ginga (377.528 visualizações)	André Zappa	Vídeo do Projeto Arte e Ginga. Apresentação de dança dos Colégios Colaço e Benedita Odete, de São Paulo, em um evento de Capoeira.

24/09/2022	07:43	COREOGRAFIA AFRO-BRASILEIRA - COLÉGIO EMÍLIA (344.236 visualizações)	Emília Erichsen	Coreografia criada por Larissa Pires com alunos da escola.
25/10/2024	05:01	SOMOS TODOS UM POVO, UMA SÓ CULTURA (126.575 visualizações)	Escola Estadual Prof. Silvério Lins	Dança escolar com foco na cultura integrada e inclusão social.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

A informação considerada importante neste estudo é o número de visualizações do vídeo, por mostrar a visibilidade do material publicado. A escolha por coletá-lo a partir do *Youtube* deu-se pela possibilidade de trazer as mídias como artefatos culturais para a pesquisa, assim como no estudo de Silva e Moraes (2019), ou seja, compreendidos “como potenciais pedagógicos auxiliares na produção do conhecimento” (SILVA; MORAES, 2019, p. 123). A partir da aproximação do professor e dos estudantes com vídeos do *Youtube*, eles poderão ter condições de propor atividades no sentido de construir novas significações, ao mesmo tempo em que o professor reconfigura a sua docência e contribui “para problematizar e formar para a liberdade e emancipação humana” de seus alunos (SILVA; MORAES, 2019, p. 124). Compreende-se, assim, que os conteúdos produzidos sobre dança afro podem servir como difusores da cultura e da identidade negra e contribuir assim para processos educativos afrocentrados. E nas discussões acerca desses conteúdos dialogamos com os autores Appiah (1990), Pontignat e Streiff-Fenart (1997) e Hall (2014), e também com autores que vêm atualizando as discussões em torno da etnicidade e da identidade.

O vídeo *Educação e Religiosidade: A dança afro-brasileira como fenômeno de identidade e espiritualidade*⁶⁹ (Imagem 1) é um trabalho que foi desenvolvido a partir de um trecho de leitura do livro *Mitologia dos Orixás*, de Reginaldo Prandi (2001).

⁶⁹ Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=JqZq9jqDj04&ab_channel=carloslima.

E, enquanto os homens tocavam seus tambores, vibrando os batás e agogôs, soando os xequerês e adjás, enquanto os homens eram iniciados para a roda de xirê, os orixás dançavam, dançavam e dançavam. Os orixás podiam de novo conviver com os mortais. Os orixás estavam felizes. Na roda das feitas, no corpo das iaôs, eles dançavam, dançavam e dançavam. Estava inventado o candomblé. (PRANDI, 2001, p. 698).

Ao ler estas palavras, alguns alunos do 8ºano de uma escola não identificada no vídeo, interessaram-se pelas “religiões afro-brasileiras, tendo a dança como veículo para uma maior compreensão da nossa identidade, superstições, curas, divindades e espiritualidade que permeia a cultura brasileira” (CANAL CARLOS LIMA, 2015), conforme a descrição do vídeo. O material está em inteiro teor (9 minutos e 32 segundos) dedicado ao estudo que os jovens realizaram para criar a coreografia pensando nesses elementos como centrais para a religiosidade afro presente na dança. O vídeo parece mostrar o que poderia ser um ensaio gravado do grupo, já que não é possível verificar elementos cênicos ou que denunciavam tratar-se de uma apresentação para um público maior.

Nota-se que o estudo em questão mostra o interesse dos estudantes no aprofundamento dos conhecimentos afro-diaspóricos e da cultura e identidade negras. Assim, os alunos participantes, cinco meninas e um menino, assumindo o centro da cena um a um, dançam representando os orixás, com seu gestual e simbologias aprendidas. Os figurinos, cada um de uma cor, também são representativos, assim como a sonoridade e a música, também de origem afro.

Ao observar a sequência de movimentos mostrados no vídeo, pode-se interpretar que, de acordo com o candomblé (SARACENI, 2021a; 2021b; BALIEIRO, 2019), de figurino amarelo entra em cena a vaidosa Oxum, rainha de todos os rios e cachoeiras; de vermelho vem Iansã, a senhora das tempestades; de azul vem Iemanjá, a padroeira dos pescadores; de roxo vem Nanã, mãe ou avó, a memória do povo, pois vivenciou toda a magia da concepção do Universo; de laranja vem Omolu, orixá relacionado às doenças e sua cura, uma espécie de médico do astral; e de verde vem Oxóssi, guardião e caçador ligado aos conhecimentos da natureza. Cada um dos estudantes também dança ao som de voz e percussão que parecem representativas de cada orixá. Ao final, todos

dançam juntos, mostrando uma integração e harmonia entre os diferentes orixás representados, tanto masculinos quanto femininos.

Imagem 1⁷⁰ - Vídeo Educação e Religiosidade: A dança afro-brasileira como fenômeno de identidade e espiritualidade



Fonte: Youtube (2015).

E mesmo não deixando um esclarecimento sobre o que está sendo mostrado, ou sobre a pesquisa realizada pelos alunos além do trecho do livro estudado, o vídeo, publicado em 2015 e atualmente com 333 visualizações, mostra sua importância para a difusão de conhecimentos sobre a religiosidade afro por meio da dança. Ao construir uma relação entre as palavras religiosidade, dança afro-brasileira, identidade e espiritualidade, o grupo exemplifica como o corpo pode ser um veículo de comunicação que ensina os valores da cultura e da religiosidade negra, enaltecendo sua identidade e sua etnicidade por meio dos movimentos, em uma dimensão coletiva de interesses comuns, assim como aponta Appiah (1990).

Com grande número de estudantes mostrando um trabalho e vigor corporal intenso, o vídeo *Dança Afro*⁷¹ (Imagem 2) é anunciado destacando-se a religiosidade quando se menciona a presença dos indígenas e caboclos na cultura negra. A dança afro apresentada mostra o caráter de força dos movimentos, de luta e muita energia, que também são representativas dos orixás, como colocado

⁷⁰ Talvez por tratar-se de um vídeo mais antigo, infelizmente, a qualidade não é adequada às especificações técnicas de vídeo para telas de computadores (HD ou similar). Isso pode explicar por que a imagem parece muito desfocada e pouco nítida.

⁷¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eZBrkv2Gb9A>.

por Prandi (2001). Isso nos leva ao conhecimento da religiosidade, do canto, da música e da sonoridade, além da dança, tudo hoje reconhecido como símbolos de identidade histórica do povo negro.

Imagem 2 - Vídeo Dança Afro



Fonte: Youtube (2018)

Assim, a apresentação de dança dos alunos com a música “Meninas do Rio” destaca a história e a integração entre diferentes culturas, a indígena e a negra, e suas diferentes formas de compreensão do sagrado presente na sua ancestralidade e religiosidade, e que são, como afirmam estudiosos das danças de matriz africana, “legitimados pela dança” (SABINO e LODY, 2011). A coreografia é rica em transições, variações rítmicas e de movimentos, mostrando a grande riqueza da cultura afro-indígena presente nas danças.

Nota-se, a partir dos dois materiais pesquisados, as implicações étnicas a serem consideradas para uma educação afrocentrada, quando dialogamos com o pluralismo cultural de Kallen, à luz dos autores Pontignat e Streiff-Fenart (1997), que colocam a importância da herança cultural transmitida por ancestrais comuns, ou seja, as fontes de ligação primárias, consideradas fundamentais e sagradas. E estas ligações baseiam-se em dados intuitivamente percebidos como a religião e os costumes.

Outro exemplo de trabalho e vigor corporal intensos está presente no vídeo *Dança afro – Projeto Arte e Ginga*⁷² (Imagem 3), uma apresentação de jovens de dois Colégios de São Paulo, sendo um o Colaço, em que 7 meninas e dois meninos mostram, em 5 minutos e meio, vários aspectos da dança afro-brasileira: do maculelê, da capoeira, da dança negra urbana e de outras manifestações desta cultura. No mesmo vídeo também há a apresentação do Colégio Benedita Odete, com 6 meninas e 2 meninos. O professor André Zappa publica conteúdos relacionados à sua vida pessoal e à capoeira na cidade de Santana de Parnaíba, em São Paulo, onde ficam as duas escolas mencionadas.

Imagem 3 - Vídeo Dança Afro - Projeto Arte e Ginga



Fonte: Youtube (2019)

Nota-se a dedicação e empenho nos ensaios das coreografias apresentadas, mostrando também a estreita relação entre os jovens e a aprendizagem da cultura e identidade negras, mesmo os grupos sendo compostos de pessoas não negras, em sua maioria. “A arte da dança, seja ela praticada com a utilização de técnicas institucionalizadas ou não, tem potencialidades expressivas possíveis de adequar-se a uma população formada por diferentes grupos” (SABINO e LODY, 2011, p. 162), onde promover a integração social é fundamental.

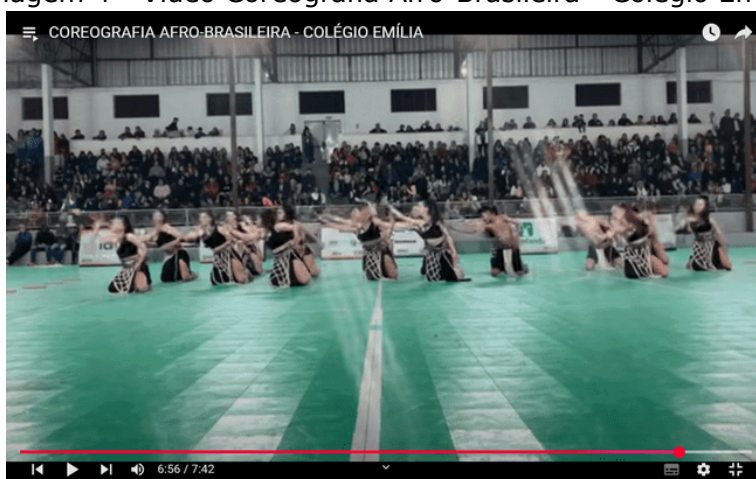
A coreografia apresentada é também rica em variações e transições entre os dançarinos, com a presença das grimas (bastões) no trecho em que mostram

⁷² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KvwdQqshGXY>.

o maculelê, uma dança de origem afro-indígena sobre a qual existem diferentes lendas, as quais contam sobre um ataque rival a uma aldeia indígena, a resistência solitária e a improvisação e dois bastões como arma. Maculelê, um jovem negro que teria sido acolhido pelos indígenas depois de fugir do cativeiro, teria sido considerado um herói por defender a aldeia (LEOPOLDINO e CHAGAS, 2012). Diante do exposto, pode-se afirmar que jovens negros e não negros, que aparentemente não possuem ligações de parentesco, podem, sim, unirem-se em ações para um bem comum, como o caso de aprender e difundir atitudes antirracistas por meio da dança. E, no material analisado, isso acontece por meio da aprendizagem, da manifestação do movimento e da cultura presentes na dança afro, uma vez que a capoeira, por exemplo, foi uma manifestação cultural por muito tempo proibida de ser praticada por ter origem negra.

Na *COREOGRAFIA AFRO-BRASILEIRA - COLÉGIO EMÍLIA*⁷³ (Imagem 4) também é visível o grande número de estudantes e a presença de trabalho e vigor corporal, assim como nas duas apresentações anteriores descritas. E assim como o último vídeo, há a presença do maculelê e da riqueza de variações e transições de movimentos com solos, e também aparece o samba.

Imagem 4 - Vídeo Coreografia Afro-Brasileira - Colégio Emília



Fonte: Youtube (2022)

⁷³ Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=zGnxY2JRqOM&list=RDzGnxY2JRqOM&start_radio=1

A apresentação suscita algumas reflexões como, por exemplo, as possibilidades de o praticante desta arte buscar compreender-se como negro ao escolher aprender dança afro, o que vem ao encontro do que é compreendido como a “consciência da pertença, o pertencimento a uma identidade étnica” (PONTIGNAT E STREIFF-FENART, 1997) como importantes neste processo de aprendizagem. É como se o jovem estivesse atendendo a um chamado ancestral que parece ressoar quando se percebe essa afinidade com os movimentos, a sonoridade e os instrumentos musicais. Assim, ele pode perceber de outras formas o seu corpo, tanto dentro quanto fora da aula, e aprender a se posicionar diante da vida, como uma retomada e ressignificação da história dos negros (e dos indígenas), daqueles que vieram antes dele. A dança afro, neste sentido, pode ser vista como afirmação, emancipação, autoconhecimento corporal e identitário. E neste contexto, aprender dança afro pode ser compreendida como um entender-se como negro e aprender daí todas as implicações deste fato.

E os próximos 3 vídeos mostram como a inspiração nos movimentos afro pode iniciar crianças, jovens e adultos no aprofundamento da cultura negra trazem e a consciência negra como mote dos trabalhos. São as apresentações *Apresentação Consciência Negra (Música: Jorge Aragão - Identidade)*⁷⁴ (Imagem 5), uma apresentação escolar com alunos da EJA; *Baianá.. Apresentação consciência negra*⁷⁵ (Imagem 6), um projeto escolar com alunos do 2º ano, cuja coreografia teve a parceria entre professores de educação física e língua portuguesa; e *SOMOS TODOS UM POVO, UMA SÓ CULTURA*⁷⁶ (Imagem 7), uma dança escolar com foco na cultura integrada e inclusão social.

Os movimentos sociais das referidas instituições mostram um empenho em iniciar as discussões sobre a questão da consciência negra no cotidiano de crianças, jovens e adultos, no caso dos alunos do EJA, que aceitam se empenhar em aprender e difundir por meio de coreografias, os conhecimentos adquiridos em sala de aula formal. Assim, representar em cena a capoeira, os movimentos das lavadeiras negras do período colonial e a libertação do negro das correntes

⁷⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ITKWnIdNDIA>.

⁷⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xRP_pQ9o5_s.

⁷⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZEOb4ch1YNQ&list=RDZEOb4ch1YNQ&start_radio=1

da escravização, mostram como esses aspectos históricos até há pouco desconhecidos estão sendo aprofundados nas escolas. Outro ponto importante, é como a parceria entre professores de educação física e língua portuguesa para criar uma coreografia afro mostram as tantas possibilidades de integração entre diferentes disciplinas do currículo para realizar trabalhos artísticos, culturais, identitários e étnicos com alunos de ensino formal.

Na apresentação Consciência Negra (Música: Jorge Aragão – Identidade), jovens meninas e meninos, negros e não negros, entram em cena com as mãos atadas e aos poucos vão se libertando, cantando e dançando ao som da música em apelo à consciência negra. Ao final, os artistas dançarinos mostram cartazes com as palavras: DIGA NÃO AO PRECONCEITO. DIGA SIM AO AMOR. Nota-se aqui como a forma da cultura afro-brasileira, na música cantada, dançada, tocada, está presente nesta manifestação, uma celebração, para além do corpo, como algo maior, que é o pertencimento do que é ser negro e o dançar a negritude. Essa forma de expressar-se corporalmente é natural para este povo. E sua cultura é sua forma de viver. Como podemos instigar crianças e jovens para que se apropriem de sua identidade e de sua cultura e para que ocupem mais espaços, exercendo o seu direito de viver e de “serem quem são”?, retomando uma implicação étnica como visto em Appiah (1990) quando menciona o direito ao reconhecimento público por ser quem se é.

Imagem 5 - Vídeo Apresentação Consciência Negra (Música: Jorge Aragão - Identidade)



Fonte: Youtube (2016)

E ainda sobre a presença de pessoas não negras participando das atividades voltadas para a identidade e cultura negras nas escolas, nota-se uma abertura para a aprendizagem e participação nas atividades, o que contribui positivamente para a sua difusão. Este fator talvez possa fazer com que crianças e adolescentes negros aprendam um novo modo de olhar para suas origens, como já observou a autora D'Esposito (2018), ao mencionar a jogueira Alessandra, de Campinas/SP, que só pôde enxergar sua negritude, sua cultura e identidade negras a partir da experiência de apreciação de pessoas brancas apresentando o jongo na universidade.

A apresentação *Baianá Apresentação consciência negra* mostra um número significativo de pessoas na plateia, indicando que diferentes estudantes e espectadores do evento tiveram a oportunidade de apreciar uma coreografia inspirada em dança afro para conscientização negra. Este acesso a novos conhecimentos pode ser inspirador para que outras ações semelhantes aconteçam, na ampla difusão das discussões sobre as relações étnico-raciais na escola.

Imagem 6 - Vídeo Baianá Apresentação Consciência Negra



Fonte: Youtube (2017)

E o vídeo *SOMOS TODOS UM POVO, UMA SÓ CULTURA* mostra 6 jovens estudantes de uma escola estadual, com a "Dança afro-brasileira produzida por alunas da escola para o Encontro Estudantil - 2024, com foco na integração cultural, demonstrando como a arte pode atuar na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva" (CANAL ESCOLA ESTADUAL PROF. SILVÉRIO LINS, 2024).

Imagem 7 - Vídeo Somos todos um povo, uma só cultura



Fonte: Youtube (2024)

Para refletirmos sobre estas implicações étnicas, Pontignat e Streiff-Fenart (1997) já destacaram o caráter dinâmico da etnicidade, que não se define como uma qualidade ou uma propriedade ligada de maneira inerente a um determinado tipo de indivíduos ou grupos. Seria, sim, uma forma de organização ou um princípio de divisão do mundo social cuja importância pode variar de acordo com as épocas e situações. Assim, pode-se pensar que, se uma criança que não teve uma educação afrocentrada em casa e estabelece contato a partir de uma ação escolar voltada para esta cultura, pode vir a desenvolver-se de modo a compreender os processos antirracistas e por que existem, por exemplo. E, ainda, teria outro olhar sobre as ações organizadas por seus pares neste sentido. Poderia compreender também “os problemas das fronteiras do grupo que servem de base para a dicotomização Nós/Eles, da fixação dos símbolos identitários que fundam a crença na origem comum e do conjunto dos processos pelos quais os traços étnicos são realçados na interação social” (PONTIGNAT E STREIFF-FENART, 1997), conforme esses autores apontam.

É importante salientar o quanto essas ações são relevantes na escola, não para tornar a educação afrocentrada uma hegemonia, mas para que haja respeito às diferenças e acolhimento a outras culturas e condições de vida até há pouco consideradas indignas ou ilegítimas, o que faz com que muitas crianças as rejeitem, afastando assim aspectos relacionados a elas mesmas. Atualmente, vive-se ainda, em alguns contextos, um processo educativo em que as crianças

aprendem a se tornar “pretos de alma branca”⁷⁷, como na canção de Jorge Aragão⁷⁸, que aparece em dois dos vídeos selecionados para este texto: pessoas que desconhecem e até estigmatizam e discriminam por completo a sua origem, ignorando a importância deste pertencimento em sua vida. Ou, também, pessoas que se calam intimidadas diante das discriminações que acontecem no cotidiano, como entrar em um prédio somente pelo elevador de serviço, aquele destinado aos *serviçais*, pois no elevador social, o *templo sagrado*, que *já tem dono*, só podem entrar os moradores não negros.

Este é um aspecto ligado, como já aponta o autor Appiah (1990), à autenticidade. “Existe um determinado modo de ser que é o meu modo. E se não sou verdadeiro comigo, perco o sentido da minha vida”. A questão é a da política do reconhecimento. Poderíamos afirmar, com base no autor, que o fato de ser, por exemplo, afro-brasileiro, “moldaria um eu autêntico que o indivíduo poderia expressar”. A expressão acontece assim para si mesmo, para buscar posteriormente o reconhecimento externo de sua identidade (APPIAH, 1990, p. 169). O mesmo autor afirma que é importante ter um pensamento familiar de que as identidades devem surgir pouco antes das excentricidades das vidas das pessoas, mas também, que é igualmente importante pensar que uma política da identidade pode transformar as identidades daqueles que representa.

A identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado e a identificação não é automática, podendo ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (Hall, 2014). Então, mesmo que uma criança ou jovem a princípio não tenha na família a identificação com a cultura e a etnicidade afro,

⁷⁷ Esta expressão comumente é utilizada para se referir a uma pessoa negra que se comporta como não negra, e por isso, pode ser aceita na sociedade. A poesia social de Adão Ventura também é uma crítica, surrealista, ao racismo estrutural quando escreve *Preto de Alma branca: ligeiras conceituações*, no livro *A Cor da Pele*. Fonte: [Adão Ventura - A Cor Da Pele : Free Download, Borrow, and Streaming : Internet Archive](#).

⁷⁸ *Elevador é quase um templo, Exemplo pra minar teu sono, Sai desse compromisso, Não vai no de serviço, Se o social tem dono, não vai, Quem cede a vez não quer vitória, Somos herança da memória, Temos a cor da noite, Filhos de todo açoite, Fato real de nossa história, Se preto de alma branca pra você, É o exemplo da dignidade, Não nos ajuda, só nos faz sofrer, Nem resgata nossa identidade*, (Compositor e intérprete: Jorge Aragão).

pode aprender na escola. E mesmo que não se identifique, pode ao menos respeitar por compreender suas diferenças e suas implicações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou discutir sobre implicações étnicas e identitárias voltadas a etnias e identidades negras para pensarmos uma educação contemporânea afrocentrada. As análises foram realizadas a partir de materiais coletados no *Youtube*, como artefatos culturais que podem ser utilizados para a educação. Considerando-se que nas escolas o ensino da história negra por muito tempo vem iniciando pela escravização, torna-se urgente que a aprendizagem da cultura e da identidade afro aconteça pela história contada pelos negros ou por quem os represente. Assim, a dança afro pode ser um caminho para contá-la, por meio dos movimentos, dos gestos, dos cantos, das simbologias e dos seus significados.

Também, outra forma de contar esta história poderia ser por meio de materiais como estes analisados neste texto, em que parece muito evidente o empenho dos professores e alunos escolares em difundir seus trabalhos com a cultura negra pelo *Youtube*. Deste modo, torna-se possível romper com as visões estereotipadas e permitir que a cultura afro-brasileira seja percebida em sua complexidade e estética própria, como produção legítima de conhecimento e beleza em vez de subcultura. Isso também é muito evidente quando percebemos os entre trezentos e mais de um milhão de visualizações de alguns dos vídeos selecionados, mostrando a importância de dar notoriedade para a cultura e arte negras e para suas lutas antirracistas.

Assim, temos na Dança afro uma importante manifestação viva que traduz um forte sentimento de pertença, capaz de construir estratégias de afirmação e de construção simbólica da identidade do ser negro, do ser afrodescendente. Ao carregar símbolos, gestos e ritmos, pode produzir ou construir narrativas próprias, contando a história do corpo que dança, a história de sua ancestralidade, com o movimento afro expressando uma memória coletiva.

REFERÊNCIAS

APPIAH, Kwame Anthony. Identidade, Autenticidade e Sobrevivência: Sociedades Multiculturais e Reprodução Social. In: TAYLOR, Charles. *Multiculturalismo: Examinando a Política do Reconhecimento*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

ASANTE, MOLEFI KETE. *Afrocentricidade*. Tradução de Renato Nogueira Jr., Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://afrocentricidade.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/03/afrocentricidade-molefi-k-asante.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2025.

BALIEIRO, Cristina. *O Legado das Deusas*: caminhos para a busca de uma nova identidade feminina. Texto e ilustração de Cristina Balieiro. 2ª ed. São Paulo: Pólen, 2019.

BANTON, M. *Racial and Ethnic Competition*. Cambridge University Press, 1983.

CANAL CARLOS LIMA. *Educação e Religiosidade*: A dança afro-brasileira como fenômeno de identidade e espiritualidade. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JqZq9jqDj04&ab_channel=carloslima. Acesso em: 14 jul. 2025.

CANAL ESCOLA ESTADUAL PROF. SILVÉRIO LINS. *SOMOS TODOS UM POVO, UMA SÓ CULTURA*. 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZEOb4ch1YNQ&list=PLMKqV0dQY0DYGWGz0lnCN5tG2DGs_BAox&index=20. Acesso em: 15 jul. 2025.

D'ESPOSITO, Ingrid. Uma comunidade diferente das outras. Il jongo e la costruzione di collettività di matrice africana nel contesto urbano di Campinas, Brasile. *CONFLUENZE*, Dipartimento di Lingue, Letterature e Culture Moderne, Università di Bologna, Vol. X, No. 1, pp. 263-295, Giugno, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.6092/issn.2036-0967/8308>. Acesso em: 14 jul. 2025.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LEOPOLDINO, Elcio Rezek; CHAGAS, Andréia Souza de Lemos. Relato de uma Experiência Maculelê: vivência e saberes de um corpo brincante. In: VI COLÓQUIO INTERNACIONAL "EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE", 2012, São Cristóvão-SE/Brasil, *Anais 2012 - VI Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade" (EDUCON)*, 6., 2012. Anais eletrônicos. São Cristóvão:

EDUCON, 2012. Disponível em: <<http://educonse.com.br/2012/>>. Acesso em: 31 out. 2018. 16 p.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos* [Versão Kindle]. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

PONTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1997.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Editora Schwarcz s.a. [versão kindle], 2001.

SABINO, Jorge; LODY, Raul. *Danças de Matriz Africana*. Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora Ltda [versão kindle], 2011.

SANTOS, Rafael dos. *Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no Brasil*. Canal NSB COMUNICA. Publicado originalmente em 16 de setembro de 2016 e disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QTUNDdkus2U>. Acesso em: 14 jul. 2025.

SARACENI, Rubens. *Doutrina e Teologia de Umbanda Sagrada: a religião dos mistérios um hino de amor à vida*. São Paulo: Madras, 2021a.

SARACENI, Rubens. *Umbanda sagrada: religião, ciência, magia e mistérios*. 9ª ed. São Paulo: Madras, 2021b.

SILVA, Luciane Cristina; MORAES, Denise Rosana da Silva. A mídia como artefato cultural e suas contribuições para a docência: diálogos sobre o uso do celular em sala de aula. *Polyphonía*, v. 30/2, jul.-dez, 2019.